

Discursos e representações da mulher na imprensa (esportiva): o caso de Guiomar e sua relação com Didi entre 1954-1962.

Leonardo Turchi Pacheco *

Resumo: Esse trabalho tem como proposta analisar os discursos e representações de gênero na esfera esportiva. Utilizando como fontes documentais as reportagens e fotos veiculadas nos periódicos O Cruzeiro, Manchete Esportiva entre o período de 1954 a 1962, os relatos de cronistas e as Biografias sobre Didi pretende-se compreender o enfoque da imprensa (esportiva) sobre a relação entre Didi – jogador negro da periferia e Guiomar – sua esposa branca, cantora de classe média. Aponta-se que os discursos e representações produzidos pela imprensa sobre Guiomar são construídos ora para justificar os fracassos de Didi, ora para apontar para o perigo, a ameaça e a contaminação de desestruturação da ordem moral e sociabilidade masculina, decorrentes da presença de uma mulher num espaço reservado para a produção, reprodução e afirmação da masculinidade com é o caso do “mundo” do futebol.

Palavras-chaves: discursos, masculinidade e futebol.

Abstract: The proposal of this article is to analyze the gender discourses and representations in the sports field. Using, as historical evidence, reports and photos taken from the magazines O Cruzeiro, Manchete Esportiva, The Estado de Minas Journal and from Didi's biographies we intend to understand and portray the media view of the relationship of Didi and Guiomar. Since they were from different social classes, cultural background and race stratification we would like to point out the issues concerning they relation for the field of sport which is a masculine preserved place. We also point out that Guiomar represents a menace, and a source of contamination in this sport field since her presence threatens to disrupt and “demasculinize” the established soccer order.

Key-words: discourses, masculinity, soccer.

Este trabalho tem como proposta a análise das relações de gênero na esfera esportiva entre 1954 e 1962. A partir da relação entre o jogador Didi e sua esposa Guiomar, explorada através de narrativas e imagens pela imprensa esportiva neste período, pretende-se analisar os discursos sobre e a representações da mulher em uma esfera reservada à preservação da masculinidade. No primeiro momento serão examinadas as imagens e discursos construídos referentes à Didi. Em seguida é a representação de Guiomar que será explorada. Por fim aponta-se para os perigos e ameaças que a presença dela acarreta no campo esportivo.

Didi era Valdir Pereira, natural de Campos, fluminense da gema. Nascido em 08/10/1928, possuía a estatura de 1, 73 metros e pesava 66,5 kilos. Era meio de campo do

* Doutor em Historia Social da Cultura pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Montes Claros – MG.

Botafogo e da Seleção Brasileira. Era um “príncipe etíope de rancho” como diria Nelson Rodrigues para descrevê-lo em sua Coluna semanal de Manchete Esportiva. Didi foi aquele que inaugurou a coluna de Nelson Rodrigues. Este o criticava por se ausentar das partidas, “Didi não tem molhado a camisa”, por estar recebendo muito dinheiro, “dopado pelo novo ordenado”. Ao mesmo tempo reconhecia que “os ingênuos enxergarão, nele, apenas o craque. Engano. É algo mais”. Sim, ele era algo mais, ou tinha algo a mais: Didi subverteu os padrões sociais vigentes e sua trajetória pode apontar para uma mudança de sensibilidade no que tange à classe e raça (TOLEDO, 2004). Foi um jogador de uma geração vencedora e por isso ajudou a modificar o discurso da degenerescência do negro, do mulato e da mistura de raças. Além disso, pela prática do futebol, como um esporte tornado profissional, ascendeu socialmente. Era um homem oriundo da camada popular que foi bem sucedido nos clubes em que jogou e na seleção brasileira.

As imagens e narrativas sobre Didi construídas pela imprensa esportiva evidenciam sua postura corporal, a maneira como manjava a bola, a forma como ele chutava e sua conduta psicológica dentro do gramado. Os adjetivos que o designavam eram hiperbólicos: “soberbo”, “magnífico”, “maravilhoso”, “majestoso”. Não olhava para a bola, corria sempre em posição ereta, fazia lançamentos precisos, tal qual seu chute, quase científico, chamado de “folha seca”. Parecia de temperamento frio, equilibrado, racional e calculista, é o que diziam seus admiradores e reforçavam aqueles que escreviam sobre ele.

Mário Filho iluminava a característica que em Didi parecia não ser paradoxal: ele era instintivo e racional.

Didi tinha a graça de uma foca equilibrando uma bola na cabeça. Jogava ereto. Só na ocasião de um drible, ou de um passe, é que aparentemente se desequilibrava. Não passava uma bola ao natural, empurrando-a, fazendo-a rolar. Dava-lhe uma chicotada com o pé para que ela tomasse efeito e caísse onde ele queria. Foi assim que inventou a “folha seca” (FILHO, 2003: 321).

Ruy Castro e Galeano também evidenciaram a postura corporal de Didi, mesmo com pequenas disparidades de tamanho entre uma perna e a outra que o forçavam a usar pares de chuteiras de números diferentes, havia plena harmonia entre esta e seu equilíbrio racional, seu domínio sobre o espaço ocupado, sua habilidade matemática. Galeano, assim como Ruy Castro, descreve Didi não como um mulato degenerado, sífilítico, incapaz, mas como um príncipe ereto e elegante: “corpo enxuto, pescoço longo, estátua erigida de si mesmo. Didi parecia um ícone africano plantado no centro do campo. Ali era dono e senhor”(GALEANO, 2004: 107-108).

Ruy Castro reiterava:

Reinava no gramado com seu porte alto e ereto, os olhos à altura da linha do horizonte. Nunca punha a cabeça na bola – a cabeça fora feita para pensar, não para dar marradas. E, embora fosse um mestre do drible, só driblava em último recurso. Seu forte eram os passes de quarenta metros, de curva, que pareciam ir em direção à cabeça do adversário e se desviavam, caindo de colher para o companheiro (CASTRO, 1995: 102).

Péris Ribeiro, ao escrever a biografia de Didi, o chamava de “eterno filósofo da bola” tornando ainda mais evidente a imagem do jogador racional, ao mesmo tempo instintivo e elegante de “aspecto nobre, capaz de intimidar o adversário sem tocar na bola”. As palavras que Ribeiro utiliza para descrever Didi são: cerebral, filósofo, regente das emoções e artista. As frases de efeito que pronunciava como a muito famosa, “treino é treino, jogo é jogo”, e a não menos famosa “quem tem que correr é a bola”, fazendo referência a seu modo de pensar e praticar o jogo em diversas esferas do campo esportivo, dão a exata medida da imagem de um jogador diferenciado que reflete sobre as possibilidades apresentadas na prática. Por isso, cerebral.

Cerebral sempre, um típico pensador durante os 90 minutos de uma partida, a imagem que mais costumava passar era de um filósofo/cientista, a reger o compasso das emoções dos próprios companheiros e das arquibancadas em festa. Artista completo, porém eis que o seu repertório parecia inesgotável. Os dribles curtos e descadeirantes, por exemplo, serviam sempre para tirar do caminho um incômodo e persistente marcador. Mas, não raro, era utilizando-se deles que desmoralizava aqueles que apelavam para a violência ou falavam demais durante a semana, cantando vitória antes do tempo e prometendo pará-lo no peito e na raça (RIBEIRO, 1993: 155).

Essa imagem, de homem racional com temperamento frio, que assume as responsabilidades da partida, como um general em um campo de batalha, foi reforçada depois das vitórias na Suécia em 58 e Chile 62. Duas situações amplamente exploradas por cronistas, jornalistas e biógrafos, evidenciam esta postura racional. Uma se refere à responsabilidade sob a escalação de Garrincha e Pelé na Copa de 1958 e a outra, também no mesmo torneio, está associada ao controle das emoções e ao papel de comandante da equipe para o triunfo final.

Didi ao ser entrevistado por Heizer explica que,

– Tínhamos empatado com a Inglaterra. Não conseguíamos dormir, nem com aquelas pílulas que o doutor [Hilton Gosling] nos dava. Acordei mal-humorado. Na mesa ao lado, estavam o doutor Paulo de Carvalho e o Feola. Eles me chamaram. Vamos conversar um pouco. O que houve ontem? Eu respondi um pouco encabulado e com cuidado para não ferir a boa ética. Defensivamente, tudo está perfeito. Mas lá na frente ninguém prende a bola. Não há deslocamentos e eu não

tenho como fazer lançamento [...] falta gente no ataque [...] Expliquei que eu conhecia bem o Mané e que ele só não podia perder a bola na zona de defesa, porque isso nos deixaria de calça na mão. Responsabilizei-me pela escalação. Argumentei, também, em favor de Vavá e encorajei-os para o lançamento de Pelé. Bendita a hora em que me intrometi (HEIZER, 1997:143-144).

E Armando Nogueira, orgulhoso com a campanha vitoriosa, escrevia uma matéria na revista O Cruzeiro, intitulada “A Europa não acreditava no coração do Brasil”, na qual Didi representa a mudança de comportamento dos brasileiros frente às adversidades. Armando Nogueira desconstruía a imagem do jogador brasileiro – negro – e conseqüentemente de Didi que foi revelada na derrota de 1954 e que o acompanhou desde então: a do homem que não se empenhava quando deveria, a do homem emotivo que não agüentava a pressão e tremendo caía no chão como um bêbado desequilibrado, a do homem sem caráter.

Suécia uma a zero. Didi apanhou a bola na rede brasileira, veio andando com ela debaixo do braço, conversando discretamente com Pelé e, sob o fogo ardente do delírio sueco, entregou-a ao arbitro numa atitude respeitosa e elegante. Foi uma cena inesquecível, gloriosa. Naquele gesto o jogador brasileiro destruía um fantasma, varria um estigma, derrotava a convicção européia de que não tínhamos alma para suportar os impactos da adversidade. [...] Aquele gesto de Didi, recolhendo a bola nas redes de Gilmar, indo com ela para o meio de campo, friamente, valeu como a afirmação da alma do homem brasileiro, tão homem, tão senhor de si quanto os mais senhores que haja neste mundo (Revista O Cruzeiro 19 de Julho de 1958, p. 76).

Nelson Rodrigues, assim como Armando Nogueira, evidencia essa nova imagem do jogador quando o elege personagem da semana em Manchete Esportiva logo após o título de 1958.

Segundo o cronista,

Ele amarrou a cara e seu comportamento, em todo o Mundial, foi esmagador. Não podia se desejar mais de um homem, ou por outra: não se poderia desejar mais de um brasileiro. Ninguém que jogasse com mais gana, mais garra, e sobretudo, com mais seriedade. Nem sempre marcava gols. Mas estava, fatalmente, por trás dos tentos alheios [...] Não foi só o jogador único, que os críticos europeus mais exigentes, consideram o melhor da Copa. Foi algo mais: um homem de bem. O que ele demonstrou, de constância de fidelidade, de bravura, de entusiasmo, basta para caracterizá-lo um brasileiro de altíssima qualidade humana. A partir desse Mundial, o brasileiro começa a ter uma nova imagem de Didi. [...] De nada adiantará o futebol se o homem não presta. O belo, o comovente, o sensacional triunfo de ontem está no seguinte: foi, antes de tudo, o triunfo do homem (RODRIGUES, 2007: 406).

Mas ainda haviam outras imagens bastante exploradas pela narrativa da imprensa esportiva e que marcou o imaginário coletivo: a do homem dependente do carinho da esposa, da família nuclear, do homem vitimado pela mulher ciumenta, pela mulher dominadora numa

relação desigual. Essa mulher era Guiomar. Guiomar Batista (Pereira) foi a mulher mais marcante do futebol brasileiro de meados da década de 50 e início da década de 60. Bahiana, linda, jovem e independente para os padrões da época, ainda por cima, famosa, uma cantora de rádio e atriz de televisão, Guiomar conheceu Didi nos bastidores da Rádio Tupi. E se tornou sua esposa logo depois. Melhor seria dizer que Didi se tornou o marido de Guiomar tamanha a influência que ela tinha sobre ele. Ou como disse uma vez Nelson Rodrigues: “Não existe Didi sem Guiomar e nem Guiomar sem Didi”. Eles coexistiam, pareciam um só.

Desde o início foi assim. Em 1954, Zezé Moreira proibiu os jogadores de saírem da concentração, nem os habituais telefonemas foram permitidos. Didi fez greve de fome porque não conseguia falar com sua amante. A dependência daquela mulher era evidente, Didi necessitava de Guiomar para ter segurança, para sobreviver. Em 1958, foi a vez de Feola proibir a presença de esposas e namoradas na Suécia. Didi enviou uma carta a CBD pedindo dispensa da Copa do Mundo em solidariedade à ausência de sua mulher, Guiomar, o que motivou Nelson Rodrigues a dedicar, na Manchete Esportiva da semana de 26 de abril de 1958, em sua coluna, personagem da semana, para ela. O jornalista denunciava a medida como infeliz, porque Guiomar e Didi, para o bem do futebol, não poderiam ser separados. Até o fato de se “engalfinharem” em brigas conjugais não era um bom motivo para vê-los separados, já que essas brigas virilizavam Didi – faziam dele um melhor jogador.

Nelson Rodrigues escrevia,

Didi está diante de um dilema: - ou a Suécia ou Guiomar. Não importa que a CBD volte atrás, que revogue a decisão errada e, sobretudo, inumana. Seja como for, Guiomar já foi transformada num autêntico fato jornalístico, e merece que eu a apresente como meu personagem da semana. Pergunto: - Por que a arbitrariedade contra Didi e Guiomar? Explico: - Existe, contra ela, um preconceito militante, agressivo eu quase diria internacional. Examinem a impropriedade de certas antipatias, de certas irritações. Por exemplo: - ela trata a todos com uma cordialidade quase doce. E, no entanto, basta que Didi fracasse numa folha-seca, ou desperdice um pênalti, ou faça um passe errado, para que a torcida a responsabilize. Vejam vocês as ironias do futebol: - ela devia ser responsável, por igual, pelos defeitos e pelos méritos de Didi. Mas não. Se Didi falha é Guiomar, se não falha é Didi. Ninguém admite que ela possa representar, no futebol do craque, um poderoso estímulo, um incentivo total. Pelo contrário: - atribuem-lhe um papel funesto. Segundo a nossa maledicência fácil e irresponsável, se Didi não faz mais gols é porque, atrás dele, está a influência nefanda de Guiomar. Mas vamos imaginar, aqui uma outra hipótese: - Didi sem Guiomar. Nós sabemos o que é um homem sem sua mulher. Notem: - não é qualquer mulher, não é um flerte, não é um namoro, não é uma aventura, mas algo que independe do tempo, um vínculo irredutível e, eu tenho mesmo vontade de dizer, eterno. Tanto é verdade que ninguém consegue imaginar Didi sem Guiomar e vice-versa. Dir-se-ia que os dois constituem um ser único, indivisível. E o que a CBD quer, justamente, é amputar um do outro, é fazer a cisão intolerável de duas metades. Convenhamos: - já Didi seria menos Didi, ou por outra: - não seria Didi. Seria meio Didi, desfalcado na generosidade totalidade do seu ser (RODRIGUES, 2007: 369-370).

A denúncia de Nelson Rodrigues possuía ares de deboche e, mesmo parecendo uma defesa a Guiomar, só fazia reforçar a idéia que ela era uma mulher opressora. A foto que acompanha a coluna aponta nessa direção. Nela estavam Didi de quatro, com Rebeca, sua filha, montada em seu pescoço, aos pés Guiomar sentada no sofá observando e sorrindo. Era uma cena familiar que indicava co-dependência do casal. A co-dependência resulta de uma interação de carência entre dois ou mais indivíduos, onde um depende do outro para suprir seus medos e dar autoconfiança. Como explica Giddens (1993) é uma forma compulsiva de construção de relacionamentos típica da intimidade moderna . Os envolvidos, nesse tipo de relacionamento, necessitam dos hábitos rotineiros de maneira a sentirem seguros consigo mesmo e os reproduzem. O que Giddens não deixa claro é que a co-dependência resulta numa relação de desequilíbrio de poder, sendo que os indivíduos, além de não possuírem o mesmo grau de necessidade do outro, não possuem o mesmo grau de influência sobre o outro. Mas o que a imagem deixa entrever, nesse caso, é a dominação exercida na relação entre Didi e Guiomar. Saffioti (1987) assinala que a dominação de gênero adquire múltiplos padrões dentro do sistema patriarcal e não somente a dominação do homem pela mulher. Na relação de Didi e Guiomar tem-se que ele é um homem negro de camada popular e ela uma mulher branca de classe média. Apesar de ambos serem pertencentes às minorias generificadas, a configuração da relação de poder parece pender para o lado de Guiomar. É isso que as narrativas de biógrafos, cronistas e jornalistas exploram. Nelas Didi sempre aparece como uma vítima de Guiomar. Mesmo quando ele se comporta como um homem “super-fiel”, ela deslegitima sua conduta.

Saldanha (1994) conta uma história, não se sabe se verídica, em que Didi, quando excursionava com o Botafogo pelo México, foi convidado para ir a uma festa de uma atriz local. Didi com medo de Guiomar não foi, pois a esposa estava no Rio e essas notícias envolvendo festas e jogadores vazavam muito rapidamente. Decidiu, ao invés disso, visitar outra cantora enferma no hospital da cidade. Era uma forma de retribuir diplomaticamente a hospitalidade com que os mexicanos o estavam tratando. Dois dias depois, um telegrama ameaçador endereçado a Didi chega ao México: “Crioulo sujo pt Na certa ela estava no hospital para ter um filho pt Rasguei todas tuas roupas pt Segue carta Guiomar” (SALDANHA,1994, p.134). Na chegada ao aeroporto do Rio de Janeiro, Didi teve que ser escondido por seus companheiros para não apanhar de Guiomar enfurecida com a suposta traição do marido. Ao narrar a história, Saldanha descreve o jogador desesperado, receoso e morrendo de medo da esposa que certamente o esperaria no saguão do aeroporto para agredi-

lo. Nem com os presentes trazidos do México, o conflito seria resolvido. Nada parecia acalmar “a onça”, “a fera” de Didi.

Saldanha narra o final da história,

Mas ela já vinha vindo e não deu tempo. Birrura foi logo falando: – Dona Guiomar, o Didi trouxe uns negócios formidáveis para a senhora. Por isso saiu pelo outro portão com o seu Renato e vai direto para casa. Senão dava “galho”... a senhora... – “Dona Guiomar” coisa nenhuma! Você nunca me chamou assim. Isso é golpe de vocês. Onde é que está aquele sem-vergonha que eu pego ele. Pra cima de mim, não! Tá bom?! Não saio daqui enquanto esse crioulo sujo não aparecer! – berrou Guiomar (SALDANHA,1994: 148).

Ruy Castro ao escrever a biografia de Garrincha, relata outras histórias sobre a relação conturbada entre Didi e Guiomar. Novamente, o ciúme é o motivo do relato e a ironia, o absurdo da situação permeia todo o desencadeamento das ações.

Castro conta que,

Um suspeito habitual entre os casados era Didi. Não porque vivesse atrás de rabos-de-saia. Mas porque sua mulher Guiomar se convencera de que, sempre que não estava treinando, Didi estava prevaricando. Didi cuidava-se para não incorrer nas desconfianças de Guiomar, mas costumava ser traído pelo destino. Um ano antes, no Sul-americano de Lima, sua aliança caíra no gramado durante um treino da seleção. Didi fizera parar o treino e, de repente, eram vários jogadores de gatinhas á procura da aliança entre os tufos de grama. Para sua sorte, a aliança foi encontrada – porque com dedo nu, Didi não se atreveria a desembarcar no Rio. Guiomar nunca acreditaria em tal explicação (CASTRO, 2006: 134).

E ainda,

Uma inocente foto tirada em Estocolmo por Jorge Leal, de O Globo, criaria problemas para dois deles: Zagalo e Didi. A foto os mostrava beijando as faces da miss Suécia 1959 durante uma cerimônia em homenagem ao Botafogo. Duas semanas depois, quando a delegação já estava na Itália, Zagalo recebeu uma carta de casa, advertindo-o para parar de beijar a miss Suécia. Mas a carta para Didi era pior: Guiomar informava-o que passara a gilete em todos os seus ternos (CASTRO, 2006: 2008-209).

Como se percebe, Didi não era retratado pelos cronistas e pela imprensa esportiva como um garanhão, sedutor de vedetes, mas sempre como um pai de família, vítima das investidas de sua mulher ciumenta. Guiomar, além de ciumenta, era retratada como preconceituosa e inflexível. Os insultos, no momento de conflito, ao se referir a Didi como um “crioulo sujo”, revelam o ranço e a permanência do racismo da sociedade brasileira da década de 50. Não obstante a acusação de fraqueza de Didi e da inversão da dominação patriarcal, percebe-se que, ao narrar a vitimização do jogador por sua esposa, o discurso não subverte a ordem de gênero. Ao contrário a reforça, dando a entender que as mulheres, ao

exercerem o poder se tornam caricaturas de mulheres não desejáveis. É nesse sentido que aponta Maria Tereza a consultora sentimental da revista *O Cruzeiro*. Em sua coluna semanal intitulada “De mulher para mulher”,¹ ela aconselhava as mulheres a satisfazerem seus maridos a qualquer preço. A felicidade delas estava associada à felicidade deles. Era preciso moldar as expectativas delas às expectativas deles. E isso só seria possível se elas modificassem a postura desafiadora e questionadora frente aos seus maridos e aceitassem de bom grado, apesar das dificuldades e renúncias, o papel de mãe e esposa. Só assim, advertia Maria Tereza, as mocinhas “amadurecidas espiritualmente”, que realmente “amam seus maridos” e não são “crianças egoístas” são capazes de manter uma vida conjugal equilibrada e feliz. Esse não parecia ser o caso da relação entre Didi e Guiomar.

Enfim, o que se observa, através das narrativas que se detém sobre a relação entre Didi e Guiomar, é que ela é duplamente culpada. Primeiro, porque não consegue se adequar à conjuntura hierárquica da sociedade brasileira que, naquele momento, reza que as necessidades do marido são acima de tudo prioritárias. E, depois, porque reivindica justificativas que ele, como marido, não precisava dar porque na relação, em tese, possuiria mais poder. Portanto, é uma influência nefasta a Didi porque o faz perder a vontade, a virilidade, o potencial de suas habilidades. É nesse sentido que, quando se associa Didi a Guiomar, as narrativas exploram a contraposição entre a irracionalidade dela – seu ciúme doentio e influência nem sempre positiva – atrapalhando ou contribuindo para a racionalidade dele – sua presença cerebral em campo ou seus fracassos.

Disso tudo resulta que ela parece poluir e desequilibrar a ordem estabelecida. Como assinala Mary Douglas (1966), a poluição e a impureza são idéias relativas, pois se apresentam como expressões de um determinado sistema simbólico de classificação e ordenação da realidade social. Apesar das idéias de poluição e impureza nas sociedades ocidentais estarem ligadas às idéias de patogenia e higiene, há também, segundo sinaliza Douglas, a noção de que algo está fora de lugar, que a ordem social foi invertida e precisa eliminar o que causou essa inversão para que as coisas entrem no seu devido lugar. Segundo a autora. Além disso, as impurezas e a poluição são contagiosas, nesse sentido se uma

¹ *O Cruzeiro*, 22 de agosto de 1953. É importante observar como a preocupação dessa coluna recaía sobre os relacionamentos conjugais e sobre o papel da mulher na sociedade brasileira da época. É, além disso, curioso observar que os conselhos não se alteram substancialmente entre os anos de 1953 e 1963. As preocupações continuam as mesmas: a castidade das meninas, os cuidados entre o ser acessível e ser fácil, a caridade das moças solteiras, o papel de esposa e mãe como fundamentais e de altos valores morais e éticos. Se comparadas, às edições da revista *O Cruzeiro* de 1º, 15, 22 e 29 de agosto de 1953. 5, 12, 19 e 26 de setembro de 1953 com as de 3, 10, 17, 24 e 31 de agosto de 1963, e as de 7, 14, 21 e 28 de setembro de 1963, verifica-se que as temáticas acima são sistematicamente enfatizadas.

interdição for desobedecida, não somente o indivíduo, mas a coletividade pode sofrer as conseqüências da quebra de regras e códigos. Para a autora é na maioria das vezes o sexo masculino que ao entrar em contato com os fluídos sexuais do outro – feminino, torna-se poluído.

Wacquant (1998), assim como Douglas, percebe, no caso dele na cultura pugilista, uma relação entre a purificação e maximização da potência corporal e o afastamento de tudo aquilo que se refere ao elemento feminino. Tanto os jogadores de futebol, quanto os pugilistas obedecem a uma rotina rigorosa: existe uma dieta na qual o álcool, as drogas, as comidas gordas, o sexo e as mulheres devem ser eliminados, porque simbolizam a poluição. A nutrição balanceada e a observância de certos tabus alimentares teriam como objetivo a maximização das capacidades atléticas, do poder e do vigor do indivíduo em competição. Essas observâncias fazem parte de um rigoroso auto-controle. Como parte desse plano estratégico, há também o que o Wacquant chama de “contração draconiana e afastamento da vida social e familiar”. Aqui é preciso se afastar dos problemas familiares e sociais e economizar energias físicas, mentais e emocionais. O mais importante, no entanto, é a renúncia à atividade sexual. É preciso se afastar do contato sexual, visto como poluidor, pois tornaria o atleta fraco, sem vigor, mole e feminino ante os desafios a serem enfrentados.

Dessa forma Guiomar e tudo o que ela representa contaminam a ordem masculina na esfera esportiva. Ela é uma mulher branca que exerce a dominação sobre seu parceiro negro. Se pensado pelo viés da dominação racial, nada indicaria que algo estava fora de ordem. Afinal, é mais do que sabido, historicamente documentado inclusive, que homens e mulheres brancas subjugavam escravo/as, na sua maioria negro/a(s). A permanência e reprodução dessas relações tanto no discurso quanto na prática não deviam ser alienígenas do contexto social de meados dos anos 50. Como deviam ser recorrentes, tais práticas não deviam causar tanto espanto ou estranheza. Nesse sentido, não havia motivos para a masculinidade de Didi ser questionada: era um negro submetido a uma branca. No entanto, se pensado pelo viés das relações de gênero, sem que nenhuma outra variável seja mobilizada para dar conta das diferenças, Guiomar, ao subjugar Didi, altera a ordem de uma área de reserva masculina. Segundo essa concepção, Didi, ainda que negro, como denunciam os discursos, é homem. E como apontam os mesmos discursos, práticas e imagens das sociedades patriarcais, ele deveria se posicionar numa escala hierarquicamente superior a qualquer mulher. Contemplada por esse ângulo, a masculinidade de Didi e de todos os seus pares se encontra ameaçada. Talvez, possa-se afirmar que a chacota, pilhéria e zombaria que dão conta da relação entre Didi e Guiomar seja uma estratégia para “desapoderar” a mulher que adentra um mundo que

lhe é proibido, ao mesmo tempo em que reestabelece a ordem que ela, com suas ações, ameaça romper.

Referências

CASTRO, Ruy. Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*: Ensaio sobre as noções de poluição e tabu. Lisboa: Edições 70, s.data. [1966].

FILHO, Mário. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GALEANO, Eduardo. Futebol ao sol e à sombra. Porto Alegre: L&PM, 2004.

GIDDENS, Anthony. A transformação da identidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

HEIZER, Teixeira. O jogo bruto das Copas do Mundo. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.

PORTO, Roberto. Didi: treino é treino, jogo é jogo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

RIBEIRO, Péris. Didi: o gênio da folha seca. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

RODRIGUES, Nelson. O berro impresso nas manchetes. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1987.

SALDANHA, João. Histórias do futebol. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1994.

WACQUANT, Loic. Os três corpos do lutador profissional In: LINS, Daniel (org.). A dominação masculina revisitada. Campinas – SP: Papyrus, 1998.